

Pobre Menina

Pedro Mesquita

Amo as histórias de amor, porém os clichês me deixam com azia. Gosto do amor real. Aquele colocado de maneira forçada na estrutura social. Aquele trazido como exemplo de desgosto. Aquele que deveria ter tudo pra dar errado. Todos os padres que se apaixonaram, todos os primos, melhores amigos, amantes. Todos são frutos da luta intensa que é amar erroneamente, sem cuidado e despreocupadamente.

Mas e quando eu sou a largada? A colocada no meio de uma história de amor no dia do meu próprio casamento. É egoísmo ir contra tudo em que eu acredito para viver meu dia feliz? Nunca pensei que minhas atitudes adolescentes me colocariam de frente com tudo que sempre abominei. Drama e clichê.

"Fique calma, Mariana, fique calma!", minha mãe grita de fora do banheiro.

Como posso me acalmar? Ele é meu melhor amigo. Ele é meu noivo. E eles se amam. Eles se amam e eu não vi, ou melhor, eu fingi não ver e agora estou aqui. Estou aqui tentando pensar na melhor e mais apropriada atitude para lidar com a traição de mim mesma e do homem que eu fiz me amar. Essa história de amor poderia ser só minha agora, não é? Tanto bolo, docinho, véu e grinalda. Posso transformar numa festa de quinze anos. Ou pegar o primeiro homem solteiro e desesperado que está no jardim.

Ou posso ficar em posição fetal dentro deste banheiro. Por que estou chorando? "Não chore por um homem, pobre menina.". Está bem, agora chorarei por dois. Dois homens incríveis. Como posso separar a traição? Matias e eu somos melhores amigos desde os treze. E, assim, é difícil ser uma menina na adolescência, estamos em uma espécie de competição umas com

as outras. Mas competindo pelo quê? Talvez o que me falaram também tenham falado para elas. E como explicar? Garotos sempre estão nos olhando por aí, nos observando. Fazer amizade com eles é fácil, talvez porque eles sempre queiram algo em troca. Seja sexual, seja por aceitação. Nunca somos suficientes sem que possamos servir. Já o Elias gostou de mim quando eu pensei que ninguém nunca gostaria. Eu não quero que nada mude. Não quero a vergonha de ser a abandonada do altar. Também não quero que aqueles dois pensem que podem me fazer de idiota. Mas também não quero escândalos. "Não seja uma mulher escandalosa, pobre menina.". São tantos conselhos, para onde me trouxeram?

"Mariana, saia do banheiro!", meu pai, com sua voz rigorosa, exclama.

Se eu sair agora dar-me-ei como vencida. Em outra vertente, poderei alegar uma revolução mal planejada ante o inabalável. Aliás, com certeza não é nada disso. Eu só quero meu casamento de volta. Ele me ama e eu não me importo que trabalhem na defensiva. Nem de que ele menospreze toda minha personalidade e perspectiva de vida. Muito menos todas as vezes em que me chamou de louca. Também as inesgotáveis frases, como "Você tem sorte de estar comigo". Todas as atitudes me afetam, é claro. "Homens são eternas crianças, pobre menina". Exatamente, como poderia não relevar tudo o que ele faz?

Como posso largar este osso tão difícil de ter sido conquistado? Todos os homens da minha vida estão aqui. Eles estão esperando minha sentença. Meu pai prestes a me levar ao altar. Meu irmão, finalmente, me levaria a sério depois de tanta tristeza que lhe dei por ser uma menina. Eu tentei, eu tentei ser o irmão que ele não teve. Carrinhos, lama, palavrões, amigos demais. Eu sou uma mulher moderna, não sou? É claro, todo casamento é a polpa patriarcal, mas estava disposta a passar por isso.

"Não confie em mulheres, pobre menina". Esqueceram de avisar para não confiar nos homens também. E, então, em quem confiar? Estou sozinha? Ou seja, todas as mulheres estão

MESQUITA, P.

sozinhas. Por que não contam que os homens vão nos trair? Por que não contam que vão nos usar para satisfazer suas vontades próprias? Por que não contam que seremos cobaias de seu diploma de virilidade? Mas isso não importa mais, o ciclo me puxa como uma correnteza de alto mar. Já não posso mais resistir. Me entrego, me rendo. Me rendo à dor que é não saber resistir. Me rendo à dor que é não saber distinguir o que me mata aos poucos. Estou pronta, pronta para concluir e permear este ciclo. Pronta para não ser mulher. Pronta para puxarem e abusarem dos cordões de marionete que a masculinidade amarrou em meus manipuláveis braços.

"Mariana, não é o que você tá pensando", Elias fala quando saio do banheiro com a maquiagem ainda borrada.

"Não importa mais. Estou pronta, querido", falo com um sorriso estático.

"Não seja tão rancorosa, pobre menina. Dá rugas", minha vó fala.

"Acho que já as temos, vovó. Não há o que fazermos mais". Falo ainda sorridente e, neste momento, percebo que não é sobre rugas. Nunca foi. Para nenhuma de nós.

Sobre o autor:

Pedro Mesquita começou a escrever aos 6 anos de idade, assim que teve seu primeiro contato com a alfabetização. Aos 12, começou a escrever seriados e crônicas. Aos 19, ingressou no curso de Estudos de Mídia na Universidade Federal Fluminense - UFF, onde teve seu primeiro contato profissional com a escrita cinematográfica. Atualmente, é graduando de Cinema e Audiovisual na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.